

Na segunda parte do trabalho, analisa as condições do comércio e dos comerciantes franceses no Brasil, bem como a política comercial brasileira, segundo a correspondência consular.

É particularmente estudado o movimento do porto do Rio de Janeiro, a navegação, as exportações e importações, os comerciantes e mercadores franceses estabelecidos na praça, a concorrência. Estuda ainda os portos da Bahia e Pernambuco, São Luiz e Belem, e outros.

Verifica que, até 1830, o algodão foi o artigo de maior vulto no comércio franco-brasileiro, a partir sobretudo dos portos de Salvador e Recife, com destino ao Havre. Mais tarde, o porto do Rio de Janeiro também prosperou nesse comércio, tornando-se porto de retorno, com a exportação de café.

Marselha, por sua vez, defendeu bem sua posição no comércio com o Brasil, importando especialmente couros.

As dificuldades das exportações brasileiras de açúcar e café, em virtude da concorrência de produtos de outras regiões e da própria política alfandegária francesa, fizeram com que os comerciantes franceses, no Brasil, recorressem a sub-produtos. Deve porem ser ressaltada a posição do porto de Belem, com as exportações de cacau, sem concorrência das colônias francesas.

De outro lado, a França soube tirar partido das suas possibilidades alternativas, oferecendo qualidade e não quantidade, não entrando assim em concorrência direta com a Inglaterra. Manobrou com o comércio varejista, preenchendo as lacunas do mercado aquisitivo, com produtos selecionados.

Um capítulo importante é dedicado à análise estrutural das exportações brasileiras 1844/45, segundo o relatório do Conde Auguste Van der Straten-Ponthoz, vistas as grandes rotas de navegação, as importações e exportações, o sistema monetário brasileiro, problemas de balança comercial e câmbio.

A conclusão de Schneider, após a análise serial da navegação e comércio da França, da navegação e comércio do Brasil, é a de que faltou dinamismo no comércio francês com o Brasil, em virtude das discriminações aduaneiras que sofriam produtos brasileiros na França, razão pela qual o Brasil voltou-se para a exportação de café para os Estados Unidos e outros países que não tinham colônias.

CECILIA MARIA WESTPHALEN.

* *

*

REBELLO (Edgardo de Castro). — *Mauá & outros estudos*. Introdução de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro, São José, 1975. 349 p.

A edição desta obra foi financiada por um grupo de amigos, admiradores e discípulos de Edgardo de Castro Rebello, permitindo chegar ao conhecimen-

to do público especializado uma das mais lúcidas vocações de historiador da primeira metade do século XX.

A apresentação da obra, que é uma coletânea de artigos e livros de pequena circulação quando de sua primeira publicação, é uma grande colaboração para o conhecimento e desenvolvimento dos estudos históricos no Brasil.

Edgardo de Castro Rebello foi professor da Faculdade Nacional de Direito, atualmente Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nasceu em 1884 e faleceu em 1970. Durante sua longa carreira ajudou na criação da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal em 1935, sendo professor e diretor.

Contem a obra na primeira e segunda partes dois estudos sobre Mauá, o primeiro de 1931 e o segundo de 1942, em que o autor exercita a crítica histórica, a partir das obras de Alberto de Faria, Lídia Besouchet e Cláudio Ganns, comparando-os com as fontes.

Na terceira parte encontramos dois estudos profundos: o primeiro sobre a administração pública no Brasil, e o segundo sobre a obra de Cáo Prado Junior, *Formação do Brasil contemporâneo*. Em ambos percebe-se a longa reflexão metodológica, a formação crítica de historiador e o conhecimento soberbo das fontes.

Alem deles, há outros: resposta a um inquérito sobre os livros fundamentais; um artigo sobre Henri Pirenne e a tortura através da História; artigo sobre as inscrições lapidares na igreja da Vitória; e artigos sobre Nabuco, Capistrano de Abreu (dois), Pedro Lessa, e uma análise literária de *A cidade e as serras*.

Na quarta parte estão reunidos artigos diversos versando sobre Enrico Fermi, Ingenieros, e problemas de organização sindical.

Para nós, historiadores mais jovens, a descoberta da existência de um pensador do calibre de Castro Rebello é uma descoberta auspiciosa, enriquecendo nosso acervo historiográfico.

Após a leitura de suas obras sentimos-nos obrigados a reconhecer que o historiador não depende de formação profissional, mas sim da formação intelectual, pois Castro Rebello foi um brilhante historiador, cuja obra deve ser de conhecimento obrigatório.

Alem disso, a descoberta de um historiador que estava perdido nos períodos culturais da época levanta em nós suspeitas: quantos outros autores de nível analítico profundo, quantos outros artigos brilhantes estão perdidos? Quando será possível fazer-se o levantamento da produção cultural brasileira para uma melhor compreensão de nossa formação?

RAQUEL GLEZER.

* * *